

## Resenha

*Arthur: um autista no século XIX*

Kupfer, M. C.

São Paulo, SP: Escuta, 2020, 268p.

## Palavra escrita, uma forma de vingar a palavra muda: uma leitura de Arthur, um autista no século XIX

Roberta Nazaré Bechara Ventura

*Arthur: um autista no século XIX*, o primeiro romance de Maria Cristina Kupfer, traz um momento precioso: o encontro da psicanalista – de vasta experiência clínica, rigorosas e inovadoras formulações teóricas, intensa atividade institucional – com a criação literária. O livro publicado pela editora Escuta no ano de 2020 é composto por quatro partes que formam como que um caleidoscópio em quatro tons-nuances-de-gênero pelos quais se movimenta a escrita deste inaugural *Dichtung* de Kupfer.

Na primeira parte há o diário de Marguerite. Marguerite nasce para a escrita com a aurora de 3 de outubro de 1891 e, uma semana depois, dia 10, chega Arthur. Arthur nasce de Jeanne, uma das camponesas cuja família trabalha na propriedade de Marguerite, tem uns tantos irmãos. Jeanne fora ama de leite de Marguerite e nesse início de outubro de 1891 se ocupa da cozinha da casa principal da propriedade rural, Bonnemaison. Avizinhada de Paris, por Bonnemaison circulam variadas figuras da aristocracia francesa, os amigos de Marguerite, cuja presença frequente imprime um ritmo da capital do século XIX à tranquila e ainda rural Laterre. Marguerite é esta mulher incomum da aristocracia francesa, sem pai nem mãe ou marido, a administrar a propriedade e que se põe a escrever. Marguerite, ou algo de Marguerite nasce no dia em que se debruçou sobre uma folha em branco com uma pena na mão; é assim que Kupfer nos apresenta sua personagem. Ao escrever, Marguerite vai descobrindo a que escreve, e de suas observações da vida miúda, cotidiana, do ódio e da insensatez humanos, dos trejeitos e pretensões de seus amigos, de sua própria solidão, Arthur e, seu modo particular de desassossegar-se, lhe chamam atenção.

---

\* Psicanalista em formação no Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [n.robortaventura@gmail.com](mailto:n.robortaventura@gmail.com)

Acompanhamos a vida em Bonnemaison e, ao mesmo tempo, a vida em Arthur. O diário de Marguerite nos transporta para estas terras de Laterre, para este tempo no frescor dos bosques. Um novelo que se desenrola como que em uma novela de Tchekov, na toada do século XIX, nos ares rurais e na subjetividade de quem perscruta as paixões e os silêncios da alma humana na singeleza dos dias que vão e vêm. Peguei-me, durante a leitura do diário de Marguerite, como que assistindo a uma peça de teatro na qual Cristina Kupfer performaria Marguerite... Os personagens que habitam a vida de Marguerite junto a Arthur são: Stéphane, a quem Marguerite negara um pedido de casamento, Clémence, funcionária da casa que permanece à saída de Jeanne, dr. Cottard, médico alinhado à medicina positivista da época, Monsenhor Olivier, principal interlocutor de Marguerite, e, posteriormente, também a menina Charlotte.

Na figura do Monsenhor Olivier, Kupfer talha uma abertura no tempo e no espaço, como só as obras de arte podem fazer. Coloca para conversar visões de mundo, do humano, e teorias de variados campos epistemológicos e tempos históricos. “Monsenhor Olivier não é como os outros padres”, percebe Marguerite. Idiossincrática, mas ainda assim uma personagem do tempo em que vive, Marguerite tem por hábito confessar-se com o sacerdote cristão, com quem também trava boas conversas sobre os homens, as palavras e, claro, sobre Arthur. Acontece que Monsenhor Olivier é feito da tradição de monges muito bem formados e apetitosos leitores. Não à toa, a Abadia do Reino em que vive sua comunidade clerical guarda uma ampla e irresistível biblioteca, pela qual mesmo Arthur não passará indiferente. Entre as leituras de Monsenhor Olivier destacam-se os escritos de tradição sufi. Kupfer justifica a escolha por ser uma linha filosófica árabe medieval na qual alguns escritores pensam a função da linguagem de modo aproximado ao proposto por Lacan. Junto à sensível escuta de Monsenhor, essas leituras conferem ao monge uma possibilidade de seguir com Marguerite as interrogações e os cuidados com Arthur. Curioso artifício em que a ficção, como diria Pablo Picasso sobre a obra de arte, cria “uma mentira que permite revelar a verdade.” Sem o enquadre da psicanálise, mas com as bússolas do tratar e do educar, vemos desenrolar as possibilidades de abertura e de laço em Arthur diante das páginas de Kupfer. Bonnemaison, um Lugar para Viver.

A estranha paz, o incontornável choro e a fúria sem palavras de Arthur tiram do sério a todos. Seu jeito de agir, de calar, de aparecer, gera espanto, muitas perguntas, um vazio de respostas, e um inevitável mal estar. Habituada a entrar no claustro dos monges, Marguerite toca a clausura de Arthur. “Nem um *djin*, nem um diabo o habitam. Se ele fosse um argelino, talvez pudesse apossar-se do nome de um djin. Mas não é nem argelino, nem cristão” (p.57). E certamente, “não é um idiota” (p.68). Sensível e aguçada na crítica do modo operante em seu tempo, Marguerite suspeita e imagina uma existência até então insondável em Arthur. Entende a força de encantamento das palavras e vai abrindo espaço para Arthur não ser aprisionado a nomes alheios, mas que possa de alguma forma traçar pontes - entre seu mundo interno e o mundo da linguagem e das palavras ditas e compartilhadas.

Um certo dia, à hora de uma refeição, um prato cai das mãos de Clémence e se parte em dois, o prato de Arthur. A louça e todo o enxoval de alimentação faziam parte dos caminhos imutáveis pelos quais passava a rotina de Arthur então. Feito apressado o remendo no prato que fora ao chão, uma letra do nome grafado desaparece. Justamente a letra a. No prato, estaria escrito Jean, nome do irmão de Marguerite, e que se transforma em Jen. Arthur reage. Volta-se em fúria e estilhaça o prato no chão. Marguerite percebe, suspeita, adivinha que Arthur reconhece as letras, que dera conta da falta de ‘a’! Marguerite então, sonha que Arthur possa um dia escrever e também fazer suas as palavras do mundo.

É o que vemos na segunda parte do livro. Kupfer recria a instigante produção escrita que hoje vemos surgir entre autistas de diversos lugares. Autobiografias, textos de ficção e mesmo observações minuciosas de pais são peças fundamentais hoje para uma aproximação aos enigmas do autismo. Essas produções não explicam e tampouco amenizam aquilo que faz pergunta sobre o modo de ser autista, mas trazem ao mundo das palavras escritas um mundo interno insuspeito, riquíssimo e outras tantas perguntas.

Arthur escreve um diário na segunda parte do livro de Kupfer. Arthur diz então, com a palavra escrita, do desencontro entre a linguagem e sua experiência no mundo:

Conheço agora palavras que podem aproximar-se da descrição daqueles estados em que ficava mergulhado com frequência, mas elas nunca poderão dizer. Não porque as palavras não consigam dizer tudo: nunca podem. A dificuldade está em que, no momento daquela experiência, eu estava longe de qualquer palavra que pudesse marcá-la em meu coração. Assim, da experiência só resta um rastro informe, uma sombra informe, e qualquer palavra virá recriá-la tornando-a outra. A experiência, desse modo, estará sempre fugindo como fogem as miragens do deserto de que me falou monsenhor Olivier: quando me aproximo não é mais. (p.179)

A captura do sujeito pela linguagem e a conseqüente perda de algo do ser e da experiência que este trecho descrito na pena de Arthur é um dos inúmeros pontos em que jorra teoria psicanalítica do romance de Kupfer. Desde Freud, passando por Lacan e, contemplando sobretudo as hipóteses metapsicológicas que buscam compreender o autismo na sua diferenciação com a psicose – tal como formulado por Bernardino (2017), Crespin (2010), Kupfer (2000), Laznik (2016), Maleval (2015) – a ficção de Kupfer dá a ver com todo o vigor a potência psicanalítica dispensando quaisquer academicismos ou jargão de especialista.

Arthur de Kupfer escreve sem esperar um leitor, mas destaca Marguerite, Monsenhor Olivier e a menina Charlotte como aqueles que ele teria vontade de que o lessem. Charlotte convivera um tempo com Arthur em Bonnemaison. A convivência entre eles é descrita pelos olhos de Marguerite em seu diário e nos remete aos supreendentes encontros de uma criança com seu semelhante, isto é, outra criança, aos modos como são praticados e pensados na instituição Lugar de Vida (Kupfer, Voltolini e Pinto, 2010). O encontro com Charlotte é retomado a partir da vivência interna de Arthur no seu próprio texto e, ainda, na terceira parte do livro na qual temos a escrita de Charlotte.

Charlotte nos apresenta duas cartas, uma para Arthur, outra para ela mesma endereçada emitida por uma médica “que estuda a mente das pessoas” – F.D. ou Françoise Dolto – e com que compartilha a preciosidade dos escritos de Arthur. *Manuscritos*, destaca Charlotte. Ela mesma agora adulta, tornada médica, lê na grafia de Arthur e, também na de Marguerite como o sujeito aparece ou desaparece naquilo que o corpo (no caso, as mãos) marca cada um. “Há uma beleza especial no fato de que sejam manuscritos, escritos a mão. Pode-se ver Marguerite no traçado de sua letra grande e firme. Os seus, Arthur, são uniformes, regulares, um espelho que reflete você.” (p.239) Se Arthur não deixou ceder de si a voz, algo no seu traçado Charlotte pode escutar, ainda que marcado pela rigidez da regularidade. Charlotte nos deixa ver que se apaixonara por Arthur.

Afinal como ficam, nos quadros de autismo, a relação entre corpo e linguagem, ou soma e representação? Como sobrevive e como se vincula um bebê que não entra no jogo da demanda e do desejo? Como fica aquilo que o princípio do prazer põe em marcha no bebê conforme a teoria freudiana? A hipótese com a qual trabalha Kupfer, o Lugar de Vida e demais teóricos e clínicos que distinguem autismo de psicose é que haveria algum descompasso no encontro do bebê com o outro acarretando uma entrada exclusivamente para a linguagem sígnica, não a

simbólica. A noção de circuito pulsional, tal como trabalha na prática clínica e teórica o Lugar de Vida (Kupfer, 2015), não se dá por completo nos casos de autismo. Isso significa que a erogenização do corpo do bebê tal qual demonstrada extensivamente por Freud (1905/2016) nos capítulos II e III dos Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade não vai bem exatamente por este caminho. Para utilizar uma imagem de Kupfer, “[o autista] fica na soleira da porta” desse movimento. A noção de circuito pulsional implica três movimentos para a “instalação” da pulsão no bebê, ou, como diria Lacan, para o seu banho de linguagem ou, ainda, para que o bebê seja capturado de corpo inteiro pelo campo do Outro. O terceiro movimento do circuito pulsional, teorizado por Laznik (2016), é chamado por Kupfer (2015) de *prazer compartilhado* e é em resumo encenado na situação, entre inúmeras outras, em que após receber carinho, cócegas, graça dos pais/cuidadores em uma parte do corpo, por exemplo o pé, o bebê oferece-o de volta à brincadeira estimulante para a qual o convocaram. Faz a graça de volta e se regozija no prazer que isso oferece aos pais/cuidadores. E é justamente esse ato de ceder o objeto (seu corpo, posteriormente sua voz) para o gozo do outro, a fim de fisgar o olhar do outro, que o autista não empreende.

A pulsão se apresenta ao modo da teoria lacaniana como algo também a se constituir; é, portanto, ela própria uma construção psíquica sobre o corpo (e vice-versa) no encontro corpo a corpo da criança com um outro não anônimo (pais e cuidadores) que lhe transmitiriam as notícias do chamado grande Outro, este sim impessoal mas coletivo, anterior e posterior a qualquer um de nós, que é o mundo da linguagem simbólica. É no desdobramento da linguagem em seu aspecto sígnico para o seu aspecto simbólico que correm os processos elaborativos entre corpo e psiquismo, que se põe em marcha a constituição do aparelho psíquico com suas instâncias (consciência, inconsciente, pré-consciente), seus operadores (Eu, Super-eu, Isso) e seus processos subjetivos (relações de objeto, identificação, mecanismos de defesa etc).

Do ponto de vista metapsicológico, especula-se que a instância de representação coisa não se faz no autismo (Bernardino, 2017). Daí cada autista constituir como que uma linguagem própria mas não por isso alheia à linguagem simbólica e dos afetos ao seu redor.

Kupfer nos transmite em seu romance a teoria que embasa sua clínica, e a clínica que refaz (sempre) a sua teoria. No construto de sua obra literária utiliza o recurso do diário e da troca epistolar conforme já mencionado e, também, de uma espécie de camarim aberto que nos traz na parte IV do livro. Neste capítulo final Kupfer nos conta sua relação com a criação de Arthur. Nos diz dos desatinos da clínica do autismo mas, sobretudo, das indagações sobre o ser humano que essa clínica pode despertar. Nos diz também do desejo de que Arthur pudesse ser lido por leigos da psicanálise, aqueles também muito confrontados com os quadros de autismo: pais e familiares de autistas e, quem sabe, por pessoas autistas. Kupfer relata de como se é indagado pelo modo de ser autista que absolutamente não nos responde nas nossas demandas especulares no endereçamento aos nossos semelhantes. Talvez o que Kupfer não suspeite é o diálogo que sua obra traça também com pais não necessariamente de pessoas autistas mas com todos aqueles que vêem seus frutos crescerem longe de sua árvore. Aos psicanalistas que não trabalham com quadros de autismo o romance de Kupfer, além de uma instigante obra literária, questiona a todo momento sobre o alcance das teorias de que dispomos e escancara seus limites.

Do cristal que das mãos imaginadas por Freud (1933/2010) ao cair demonstra pelos pontos de ruptura, as linhas que determinam sua estrutura, as pedras de Arthur diferem radicalmente. Arthur coleciona pedras, pedregulhos, seixos de toda sorte. Suas pedras são aquelas encontradas ao chão da Bonnemaison, da abadia, as pedras que encontra pelo caminho. Aquelas que resistiram, lembra Kupfer à lembrança de Virgínia Woolf à passagem do tempo, mais longínqua

que o tempo desde tempo das obras de Shakespeare. Pedras que não se abrem à queda. Para Marguerite, Arthur é um diamante.

Se há hoje alguma forma de subjetivação gritando em nossos ouvidos, para a qual as teorias freudianas não dão conta, esta é a autista. Ainda que muda, quem sabe mais eloquente do que variações de gênero sexual as quais nos demandam com frequência, o modo de ser autista revigora a extensão dos limites da teoria. As pedras de Arthur não se quebram, não revelam sua estrutura, permanecem intactas e mudas. Nos convidam a contemplar o nosso próprio desassossego, ainda que *inassossegável*.

## Referências

- Bernardino, L.F. (2017) *Interrogações sobre a diferenciação entre autismos e psicoses*. Instituto Gerar de Psicanálise. Disponível em <https://institutogerar.com.br/video-interrogacoes-sobre-diferenciacao-entre-autismos-e-psicoses/>
- Crespin, G. (2010) Discussão da evolução de uma síndrome autística tratada em termos de estruturação psíquica e de acesso à complexidade. *Psicologia Argumento*, 28 (61), 159-166. Recuperado de <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19877>
- Freud, S. (2010) *Novas conferências introdutórias à psicanálise*. São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2016) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (O caso Dora) e outros textos* (pp.13-172). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).
- Kupfer, M.C.M. (2000). Notas sobre o diagnóstico diferencial da psicose e do autismo na infância. *Psicologia USP*, 11 (1), 85-105. doi: <https://doi.org/10.1590/psicousp.v11i1.108081>
- Kupfer, M. C. M. (2015). O impacto do autismo no mundo contemporâneo. In M. Kamers, R. M. Mariotto, & Voltolini, R. (2015) *Por uma (nova) psicopatologia da infância e da adolescência* (pp. 169-184). São Paulo, SP: Editora Escuta.
- Kupfer, M.C. (2020) *Arthur: um autista no século XIX*. São Paulo, SP: Editora Escuta.
- Kupfer, M.C.M., Voltolini, R., & Pinto, F.S.C.N. (2010) O que uma criança pode fazer por outra? Sobre grupos terapêuticos de crianças. In M.C. Kupfer, & F.S.C.N. Pinto (Orgs.), *Lugar de Vida, vinte anos depois* (pp.97-111). São Paulo, SP: Editora Escuta.
- Laznik, M.C., Touati, B., & Bursztejn, C. (2016) Distinção clínica e teórica entre autismo e psicose na infância. São Paulo, SP: Instituto Langage.
- Maleval, J-C. (2015). Por que a hipótese de uma estrutura autística? *Opção Lacaniana online* 6 (18) Recuperado de [http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero\\_18/Por\\_que\\_a\\_hipotese\\_de\\_uma\\_estrutura\\_autistica.pdf](http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_18/Por_que_a_hipotese_de_uma_estrutura_autistica.pdf)

**Revisão gramatical:** Maria José Bechara

**E-mail:** bechara@if.usp.br

Recebido em março de 2021 – Aceito em junho de 2021.